

# O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

**Condições da assignatura**—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

**Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca**—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



1854



1904



## CONGRESSO MARIANO NO PORTO

EFFECTUADO NOS DIAS 11, 12 E 13 DE NOVEMBRO

No edificio da Associação Catholica

SOB A PRESIDENCIA DE S. EX.<sup>a</sup> REV.<sup>ma</sup> O SNR. D. ANTONIO BARROSO

Como estava annuciado, effectuara-se nos dias 11, 12 e 13 de novembro, no edificio da Associação Catholica, o congresso mariano para commemorar o quinquagesimo anniversario da definição do dogma da Immaculada Conceição, como inicio das festas jubilaes que devem realizar-se n'esta cidade.

A imponentia e a magnitude que o acto attingira tornam-o digno de largo relato. Vamos, pois, tentar fazel-o.

O vasto salão da Associação Catholica apresentava-se artisticamente engalanada. Ao fundo destacava-se a imagem da Virgem Immaculada, cercada de flores.

### PRIMEIRO DIA

Presidiu o nosso venerando Prelado, tendo á direita o Ex.<sup>mo</sup> Prelado de Meliapor, e á esquerda o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Avides, presidente da camara, seguindo-se nos legares d'honra os ex.<sup>mos</sup> srs. Vigario Geral, Coelho da Silva, commandante da Guarda Municipal, Conego Aranha, Vi-

ce-Reitor do Seminario do Porto, conde de Samodães, conde de Fijó, dr. Souza Ribeiro, secretario do governo geral de Moçambique, Monsenhor Joaquim Nunes, Vice-Reitor do Seminario dos Carvalhos, dr. João Manuel Moreira, D. Thomaz de Vilhena, Duarte Huet de Bacellar, Chantre Cardoso Monteiro, etc.

### Bispo do Porto

O venerando Prelado começou por dizer que começamos um acto solemne como deviamos começar, como christãos e filhos da SS. Virgem, saudandc-a com esse hymno que não é dos homens, mas que veio do céu—Avé Maria.

Este anno é privilegiado e santo. Israel tinha o anno sabbatico, os christãos teem o anno jubilar. Este sobreleva a todos. Ha 50 annos a Egreja proclama como verdade de fé catholica a Immaculada Conceição da Virgem Santissima, nossa Mãe.

Esse acto é recebido por toda a parte com hymnos

de acções de graças. Decorrem 50 annos e um grande Pontífice que occupa a cadeira de Pedro, presentindo approximar-se os ultimos dias da sua carreira longa, volta-se para a christandade e quer que o mundo lhe dê provas do amor intenso ao commemorar a Conceição Immaculada da Virgem.

Esta ordem era o hymno gemebundo do grande e venerando Leão XIII, porque elle podia dizer ao Senhor como outr'ora o santo velho Simeão, que podia mandar ao seu servo que se fôsse, porque o mundo ia entoar hymnos sem conto á Mãe carinhosa e bemdita.

Sube um novo Pontífice á cadeira de Pedro e um dos seus primeiros actos é recommendar aos fiéis que se approximem d'Aquella por intermedio de quem vêem ao mundo todas as graças.

Ali nos reuniamos todos em nome de Maria, e razão tínhamos para a saudar com a saudação angelica ao começar aquellos trabalhos.

N'esta cidade, onde a fé sempre foi extremada, não podia deixar de encontrar um echo de sympathia e adhesão a voz do Pontífice, convidando todos a festejar a Virgem Mãe de Deus.

Aqui estamos todos congregados por diligencia d'uma prestante commissão, para dizermos á Virgem que a amamos, lhe protestarmos o nosso amor ardente e lhe dizermos que somos seus filhos e ella é nossa Mãe.

No programma d'esta festa existe um numero em que se diz que um congresso mariano se reuniria n'esta cidade para commemorar as prerogativas da SS. Virgem. E' isso que ali se está fazendo. No programma fala-se em congresso e esse congresso envolve a ideia de certa grandiosidade. Este, se é modesto, é grande pela ideia que nos congrega.

Mas um congresso para que? poderá alguém perguntar. O progresso evoluciona e quando se trata de assumptos que interessam geralmente, chama-se-lhe congresso. Ha congressos para a paz, para a guerra, para melhoramentos no exercito, para o bem social, etc.; temos congressos com todas as cathogorias e fins. E, sendo assim, porque não devemos nós tambem reunirmo-nos para prestar honras á Virgem Santissima? Nada mais legitimo do que um congresso, porque é a justificação d'este principio: a união faz a força.

A nossa aspiração suprema é a unidade de todos n'uma só fé: um só rebanho e um só pastor, como todos os homens descendem d'um unico Pae.

Alguna coisa lhe resta ainda dizer: é agradecer muito penhorado o que se tem feito no paiz e n'esta cidade em honra da Virgem.

Agradeceu ao sr. Bispo de Meliapor a sua presença, porque s. ex.<sup>a</sup> será aqui o testemunho do amor de todo o povo hindustanico á Virgem Santissima. Elle, orador, em parte alguma viu, como em Meliapor, uma fé tão intensa á Virgem. No Oriente não precisam de receber lições do Occidente n'este particular.

Ao sr. presidente da camara do Porto comprimenta em nome dos catholicos, por se dignar vir assistir áquella festa, dar uma prova de fé, que em s. ex.<sup>a</sup> não é nova. Agradece lhe por vir associar-se, em nome da cidade, áquella congresso.

A todos, os seus agradecimentos muito sinceros, desejando que saiam d'ali com o coração cheio de gozo.

Devia alongar-se mais, porque lhe estava destinada uma these; mas reserva-se para outra sessão.

Sua Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> foi muito applaudido.

Em seguida foi dada a palavra ao rev.<sup>mo</sup> sr.

**Dr. Francisco Martins**

Começa por manifestar o seu prazer por vêr a Facul-

dade de Theologia de Coimbra ali representada, não só pela missão de que ella o encarregou, mas tambem por alguns antigos filhos d'essa benemerita Faculdade, ali presentes.

Recorda as tradições gloriosas do culto á Virgem, que distinguem a Universidade de Coimbra já no seculo XVII, e allude á lapide mandada collocar na capella pelo reitor da Universidade, D. Manuel Saldanha, lapide que é um documento d'esse culto secular á Immaculada.

Evoca em seguida o saudoso Pontífice martyr, o Pontífice da Immaculada, Pio IX. Ao som d'este nome—disse o orador—fomos embalados nos primeiros annos da vida; os bustos de Pio IX ornavam então as nossas salas, como hoje as adorna o de Pio X. Saudado o proclamador do Dogma da Immaculada Conceição, o illustre orador entra na sua these, que é: Maria na litteratura portugueza.

Não nos permite o espaço acompanhar, que mais não fosse pelos topicos, a bem concatenada oração do sr. dr. Francisco Martins. Resumiremos.

Partindo da consideração que uma litteratura é a expressão fiel, quasi a photographia, do espirito, do sentir, da vida de um povo, expressão que sobrevive aos outros monumentos caducos, para attestar á posteridade esse espirito, essa vida nas suas manifestações mais nobres,—passa depois a demonstrar que a litteratura, como qualquer outra arte, requer um ideal, um ideal que a inspire e a norteie no seu desenvolvimento nas varias formas de composição. Uma litteratura sem ideal é impossivel; uma litteratura sem um ideal alevantado e nobre, é uma degenerescencia.

Porisso são mais valiosos os documentos em que esse ideal nobre perpetua os sentimentos de um povo. Quando entramos n'uma cathedral antiga, diz o orador, sentimo-nos penetrar da sublimidade d'essa arte, creada e sentida pelos artistas que as conceberam e construíram, e que nos aliam para o alto. Assim vemos tambem pela litteratura o que houve de grande e bom nas civilizações da Grecia e Roma. Mas, pelo contrario, quando a litteratura não é guiada pelos verdadeiros principios da verdade e do bem,—quando o escriptor, em vez de se elevar acima das condições sociaes em que se apresentam não raro cancores e deformidades, só traduz essas chagas e anomalias—como se tudo na natureza fosse de-forme e não houvesse bellezas—então a arte torna-se banal, caracteriza-se por uma duração ephemera, por uma rapida caducidade,

Póde essa litteratura ter o seu brilho momentaneo: mas os vindouros lhe acabarão de fazer a justiça que os contemporaneos—como tão bem notou o orador—começam.

Ora para que uma litteratura seja o que deve ser—ha de inspirar-se n'um ideal superior; quanto mais superior, mais duradoura e valiosa será a obra litteraria. E que ha ali, de ideal, superior ao ideal que a religião fornece? A historia da litteratura ali está a attestar que o poeta, sempre que o espirito religioso o inspirou, teve concepções nobres, produziu obras de delicado sentimento, os seus versos adquiriram um rhythm, uma suavidade que se não encontram nas concepções estranhas ao espirito religioso.

Mas essa inspiração do espirito religioso, quanto mais elevado fôr o objecto de que partir, tanto mais efficaç será, tanto mais fecunda. E no bello do christianismo, o que póde haver superior a esse ser que reuniu em si as bellezas de Mulher, de Mãe, de Virgem, e, sobretudo, de Immaculada?

Maria é mãe—e só esta palavra que sentimentos não desperta na alma do poeta? este nome suavissimo bastaria para inspirar concepções nobilissimas.

E' Virgem—e só esta qualidade, que os proprios gentios reconheceram preciosa, e sagraram e circumdaram de veneração e de recatos, confiando Roma ás suas Vestaes

a custódia do fogo sagrado—só esta palavra que torrente de inspirações não apresenta a sêde de ideal do cantor?

Mais: Maria é Immaculada...

Aprendemos quasi na inconsciência da infancia a balbuciar o nome de Maria, alliado a essa inestimável prerogativa; mas quando a reflexão se voltou sobre ella, então reconhecemos a incomparável belleza d'esse privilegio, a sobre-excellencia d'essa qualidade, que basta para arrubar o espirito do poeta.

Maria, portanto, Mulher, Mãe, Virgem, Immaculada, é um ideal sublime da belleza. Como seguiu a litteratura portugueza a inspiração d'esse ideal?

D'este ponto em deante o illustre orador reconhece a impossibilidade de enumerar sequer os monumentos que a opulentissima litteratura portugueza offerece, em honra da Conceição Immaculada de Maria. Nós não podemos sequer reproduzir um dos muitos e bellos trechos que o orador recitou; baste recordar os nomes, que elle recordou, de Camões, Antonio Diniz da Cruz e Silva, Bocaga, Candido Lusitano (Francisco José Freire), Domingos Maximiano Torres, João Xavier de Mattos, Curvo Semedo, Gil Vicente, Sá de Miranda, Antonio Ferreira, Pedro d'Andrade Caminha, Domingos dos Reis Quita, Nicolau Tolentino, Almeida Garrett, Anthero do Quental, Theophilo Braga, João de Deus, e outros que nos não occorrem.

Ao recitar alguns versos, deplorou justamente o orador que certos auctores sejam quasi exclusivamente conhecidos pelas obras que menos mereciam ser lidas: ainda aquelles que tresvariaram, tiveram momentos de placida elevação de espirito, e então a imagem de Maria vencio-os subjugava-os e inspirava-lhes maviosos canticos.

Notou tambem que muito de industria ommittira os auctores chamados mysticos, que são numerosissimos e em cujas obras ha joias valiosissimas.

Terminou o illustre orador exclamando: quem, ouvindo estas vozes de todos os seculos, de tantos poetas portuguezes, unanimes em descantar a Immaculada Conceição, quem não concluirá d'ahi, que esses poetas escreviam não só para saciar o espirito, mas para offerecer essas composições religiosas a um povo que as prezava? — Logo, no espirito do povo portuguez dominou sempre a crença em Maria Immaculada! Poderão cahir os monumentos em pedra que levantamos a Maria: — a nossa litteratura ficará sendo o perpetuo documento d'essa radicada crença! O rev.<sup>mo</sup> sr. dr. Francisco Martins recebeu no fim do seu brilhante discurso, que tentamos esboçar, uma frenetica salva de palmas.

Foi dada em seguida a palavra ao rev.<sup>mo</sup> sr.

### Padre Antonio Barbosa Leão

ABRADE DE LUSTOSA

Um dia — disse s. rev.<sup>ma</sup> — estando um rei á janella do seu palacio, viu um mendigo, que, approximando-se, descobriu a cabeça, estendeu a mão e disse: «Senhor, tenho fome, uma esmola, uma esmola pelo amor de Deus». O rei commove-se e pergunta: E's muito pobre? — Sou pobre, senhor, muito pobre. E familia, não tens?... Tenho, senhor, tenho mulher e filhos. Pois bem, diz o rei, commove-me a vossa sorte, vou dar-vos este palacio com todas as suas riquezas.

Pouco depois já o mendigo, com sua familia, tomava posse do palacio e passeava pelos seus jardins. Mas o rei, ao sair, disse: De tudo que vês só uma coisa reservo — é a sombra d'aquella arvore; e aponta uma arvore quasi perdida no meio do jardim. A curiosidade levou os novos habitantes d'aquelle palacio a interrogarem-se sobre a sin-

gularidade d'aquella prohibição e, pouco depois, assentaram-se á sombra da arvore.

O rei, porém, que estava vigilante, apparece e diz: perdestes o direito á posse de tudo, que vos dei; tomai os vossos andrajos e voltai ao vosso viver antigo.

Mas, senhor, um castigo tão severo por tão pequeno delicto?!... — E' por isso que a vossa desobediencia tem menos desculpa. Demais, eu nada vos devo. Retirai-vos. Lá voltam, os infelizes, para uma vida de privações, de dôres, de lagrimas.

Morre o pae; que herdaram os filhos? — O palacio? não, os andrajos da miseria. E quem foi o culpado da desventura d'aquelles filhos? — O rei, que os privou da posse do seu palacio? — Não, foi o pae, que desobedeceu ao rei.

Quem poderá, pois, queixar-se de termos herdado as consequências do peccado original? — Quem é que nos precipitou do fastigio da grandeza no abysmo da miseria? — Seria Deus? — Não, foram Adão e Eva, que com a sua desobediencia perderam os bens com que Deus os tinha enriquecido. — Nós já não tivemos que herdar senão ignorancia e concupiscencia.

Imaginemos agora que aquelle rei precisou d'um dos filhos d'aquelle mendigo para exercer na sua corte funcções elevadas e que, para isso, o rodeou de privilegios e acumulou de riquezas; poderá alguém queixar-se da injustiça d'aquelle rei? Decerto não, pois o rei pode distinguir a quem quizer.

Em vista d'isto poderá alguém estranhar que a Virgem de Nazareth fosse enriquecida de privilegios especiaes, isenta mesmo da culpa original? — Pois não a escolheu Deus entre os filhos de Adão para ser a mãe do seu filho puro? — Eis a toda a luz um ponto de doutrina que fatigou durante muitos seculos a intelligencia de sabios e santos, e que a Igreja resolveu a 8 de dezembro de 1854, proclamando que a Mãe de Deus Filho foi immune de toda a mancha desde o primeiro instante da sua Conceição passiva.

Apenas o Castello de Sant'Angelo annuncia a definição do dogma, todo o orbe catholico responde, commovido com esta saudação, que tambem é uma prece: «O' Maria concebida sem peccado, rogai por nós, que recorremos a Vós.»

Approxima-se, porém, o quinquagesimo anno desde a definição dogmatica; Leão XIII, cujo nome a historia hade guardar com orgulho, ordena em toda a christandade manifestações de regosio para celebrar o grande acontecimento; Pio X põe em execução o programma do seu antecessor.

Portugal não foi indifferente ao appello do Pontifice. Organisaram-se festas nacionaes, diocesanas e parochiaes.

Organisou-se e levou-se a effeito a grande peregrinação nacional, e todos se commoveram — os soberanos, os Bispos e o povo. Os soberanos, sim; lá estavam tambem elles com a sua fé, com a sua oração e sobretudo com a sua saudade. Os Bispos, esquecendo uns a sua idade, e todos as consequências de fadigas superiores a seus habitos e forças, lá vão, e todos, no meio dos seus rebanhos. O povo, esse, na loucura do seu enthusiasmo lá estava tambem para rezar e cantar e chorar. No fim de tres dias recolhem todos, cansados de gozar. E se alguém perguntasse: foram bonitas as festas? A resposta era só uma — Não tornamos a ver, não tornamos a ver.

A diocese do Porto, que n'aquella festa nacional se fez representar tão brilhantemente, promoveu tambem manifestações de regosio em honra da Immaculada Conceição, manifestações que, principiando hoje por esta solemne academia, não de terminar a 8 de dezembro com uma solemnidade, que promete ser brilhantissima.

S. rev.<sup>ma</sup> disse em seguida que estava alli porque o privaram da sua liberdade. Um sacerdote, respeitavel e venerando, a quem o nosso illustre Prelado confiou a presidencia da commissão dos festejos, esqueceu quanto devia ao bom nome da commissão a que preside e ao esplendor que devem revestir estas festas, para honrar com um convite que o confundiu e commoveu. Esse distincto sacerdote, a quem se refere e que em breve ha de receber a sagração episcopal, não quiz attender os motivos da sua recusa.

Foi cruel, porque sabia d'antemão que elle era obrigado a obedecer. Aceitou o encargo e foi lhe dada a escola do assumpto entre os assumptos que constam do programma. Deixou aos doutos, aos mestres, os assumptos que exigem estudo, erudição e talento. Escolheu para elle um assumpto, que apenas exige — fé e coração — a *Virgem no lar domestico*.

Depois de fazer uma calorosa invocação á Virgem, começou S. rev.<sup>ma</sup>:

No Calvario, quando a innocente victima se despedia da terra, ouviu-se esta voz: apesar da vossa ingratidão, ainda vos deixa uma mãe, *ecce mater tua*. O Evangelho cala-se, e por muito tempo não sabemos mais d'esta mãe senão por tradições, mais ou menos respeitaveis. O Evangelho cala-se, mas a historia não. Abri, podeis lêr: Os primeiros christãos prestam-lhe fervorosos cultos, até nas catacumbas; a mãe de Constantino erige no Thabor um templo em sua honra; no seculo III é defendida contra Nestorio a sua maternidade divina; Carlos Magno leva para a sepultura entre as mãos uma imagem da Virgem; Carlos o Calvo invoca o seu nome na hora do combate; Urbano II recorre á Virgem para o bom exito das cruzadas; Domingos de Gusmão pede-lhe o triumpho contra a herezia dos Albigenses; D. João d'Austria combate sob a sua protecção na batalha do Lepauto; o fundador da monarchia portugueza pede-lhe a victoria contra os mouros; a França offerece-lhe o seu sceptro pela mão de Luiz XIII, e Portugal a sua corôa pela mão de D. João IV.

Mas, parece que a Virgem se dá melhor com a poesia do lar do que com o retinir dos embates guerreiros.

A Senhora dos Remedios do meu berço, ha-de vir a ser, elle o espera, a Senhora dos Remedios do seu tumulto. Foi a religião do lar que lhe incutiu este amor.

Foi sua mãe, a sacerdotisa d'aquelle templo, que escreveu em seu coração, ás vezes com lagrimas, que só ella sabia chorar, o nome de Maria.

Ainda hoje, nas horas de tribulação, que tambem as tem embora o não pareça, não sabe o nome de mais ninguém. No dia em que perdeu seu pae, perdeu a alegria; no dia em que perdeu sua mãe, parece que perdeu o coração; no dia em que perda a confiança na Virgem, com certeza perdia a vida. A Virgem é precisa no lar — é precisa aos paes e aos filhos — é precisa sobretudo para ser o modelo da mulher. — N'aquelle exemplar perfeitissimo está traçado o caminho, que ha de trilhar a donzella, a esposa e a mãe.

E, na verdade, quatro são as flôres que mais devem sobressair na grinalda d'uma donzella — modestia, piedade, virgindade e humildade. — Deve ter a modestia, que lhe encubra a virtude assim como o véu lhe esconde a belleza; deve ter a piedade, que é esse orvalho divino, que lhe fecunda o coração; deve ter a pureza, que é o paladio, que a defende das aggressões; deve ter a humildade, que é a base e condição de toda a virtude. Sendo assim, a Virgem é no lar o modelo da donzella. Quem a procurasse, logo nos primeiros annos de juventude, havia de encontral-a, não entregue aos passatempos, proprios da sua idade, mas recolhida, a sós consigo, evitando sempre os louvores, que o mundo predigalisa. Quem a procurasse havia de encontral-a, não entregue a conversas vãs e ociosas, distilando

talvez o veneno da maledicencia, mas junto dos altares do Deus que ella tanto amava, orando e meditando. Era tão pura que, quando o anjo lhe annuncia que ella ha-de ser mãe de Deus filho, fica perturbada e confusa, preferindo a honra de ser virgem á gloria de ser mãe de Deus. E como era humilde!... Um dia entra em Jeruzalem e vê o palacio de seus maiores que havia passado a mãos estranhas; mas não lamenta a perda dos bens terrenos, nem inveja aos grandes as suas largas posses.

Bem diz o Senhor em Nazareth, louva o Senhor em Belem e mostra-se sempre digna mãe d'Aquella, que não teve onde reclinar a cabeça. E como na obediencia é que consiste a manifestação mais sublime da humildade, diante do enviado do céu, que lhe diz que ha de ser mãe do Deus filho, exclama: *«ecce ancilla Domini fiat mihi secundum verbum tuum.»*

Se elle não receiasse ser alcunhado de impertinente, diria ás donzellas que o escutam: que a modestia seja o vosso timbre e o vosso orgulho; que o caminho do templo seja o vosso entretenimento mais querido: sede sobretudo submissas a vossos pais. O amor filial é o vosso mais bello apanagio; circundaevos o berço de flôres, e conduz-vos ao heroismo antes mesmo de o conhecerdes.

Continuemos a ler o grande livro das tradições. Transportemo-nos a Nazareth; entremos n'essa officina onde trabalha um artista a quem o suor banha as faces, tendo a seu lado uma donzella que o contempla com respeito. Que lições tão sublimes, exemplos tão proficuos para a vida christã! Como aquella donzella com seus castos sorrisos, com a sua palavra angelica, com sua voz melodiosa torna suave o peso da cruz d'aquelle honrado artista! Ella acompanha-o em todos os seus movimentos, adivinha-lhe todos os segredos d'alma, é causa de todas as suas alegrias e toma parte em todos os seus segredos.

Um dia um edito de Cezar chama seu esposo a Belem. Não consente que vá só. Lá vão, como duas candidas pombas, galgando serras alpestres, atravessando valles extensos, vadiando talvez torrentes caudalosas; lá vão em obediencia á voz d'um homem.

Belem nega hospitalidade áquelles hospedes, illustres, pobres; retiram-se, e fóra da cidade, n'uma mansão pobrissima, mas grandiosa, porque tinha por pavimento a terra, por limites o horisonte, por cupula o firmamento e por candelabros as estrellas, a Virgem é Mãe sem deixar de ser Virgem.

Então viu Ella em seus braços o thesouro mais precioso que jámais se viu na terra — o seu Filho e o seu Deus.

Quantas vezes não apertou Ella ao seio Aquella cuja gloria não cabia no céu nem na terra! quantas vezes não orvalhou Ella de lagrimas as suas faces mimosas! de lagrimas que eram a crystalisação do mais puro amor! — Maria era Mãe, e como Mãe amava seu Filho. — Aceitou com jubilo o seu primeiro sorriso. Ensinou o a dar os primeiros passos, a articular as primeiras palavras, acompanhou-o quasi sempre em seus triumphos e sempre em suas humilhações.

Longe d'elle a intenção de recordar, em dia de tantos jubilos, scenas dolorosas. Mas, erga-se rapidamente as vistas ao Calvario. Lá está a Mãe ao pé do patibulo do Filho. — Não está pregada na Cruz, mas está abraçada com ella; não tem a fronte atravessada de espinhos, mas tem o coração atravessado de espadas. O Filho é deposto na sepultura e as lagrimas da Mãe foram as primeiras que se choraram alli.

«Esposas e mães, aqui tão distinctamente representadas, — exclamou o brilhante e distincto orador — não me culpeis a mim, culpae o assumpto — como esposas fazei do lar domestico um sanctuario de virtudes; como mães acompanhae vossos filhos com o amor de vosso coração e

tambem com as lagrimas de vossos olhos; e assim será de virtudes a atmospheria do vosso lar, a sociedade abençoará a vossa memoria, a historia registará o vosso nome e Deus premiará os vossos sacrificios.»

Mas para que a Virgem seja o anjo do lar e para que as suas virtudes sejam imitadas, é preciso que nos diversos membros da familia estejam bem radicados os seus sentimentos religiosos. E' preciso que o culto de suas virtudes não seja filho d'um sentimentalismo piegas, mas na convicção da verdade religiosa. E' indispensavel sobretudo que os chefes de familia sejam superiores a preconceitos.

Já o dizia Platão—«a ignorancia do verdadeiro Deus é a maior peste da sociedade. Destruir o edificio da religião é destruir o fundamento de toda a organização social.

Já dizia Cicero—«a religião imprime movimento em todas as cousas»; refreia os povos em seus excessos e modera o poder dos soberanos: nós vencemos a todos os povos, demos leis a todas as gentes, não pela nossa politica ou pelo valor das nossas armas, mas pela nossa piedade e religião.

Para a felicidade dos povos a religião é tudo, a philosophia nada, dizia um profundo pensador.

Todos aceitam estas verdades; todos lamentam as consequências da irreligião, que já são assustadoras, mas são poucos, muito poucos os que têm a coragem das suas convicções.

Tolera-se a religião do lar, mas despreza-se a religião do templo; tolera-se a religião do templo, mas escarnece-se da religião na imprensa, na escola, no theatro e no salão; admite-se a religião do individuo, mas risca-se dos programmas de ensino e dos codigos das leis, que devem reger a sociedade!

Estas verdades custam a dizer, mas o dia é grande, a festa é solemne, a assembleia é distincta; a verdade deve achar-se bem aqui.

Se houvera um motivo plausivel para este repudio, elle seria o primeiro a tributar respeito, mesmo áquelles que erassem por convicção. Mas, não. Já o dizia La Harpe: creio porque estudei.

Na verdade, quaes são os pretextos que apresentam os que despresam ou perseguem a religião?

«E' velha», dizem uns: —com effeito o christianismo, a religião que abraçamos, é antiquissima—e por uma série ininterrupta de Pontífices, atravessando os seculos de ignorancia e civilização, os tempos de perseguições e triumphos, remonta até ao Calvario; do Calvario remonta ao Sinay, e de lá, passando pelas tendas dos patriarchas chega, até ao berço do genero humano, e do Eden vòta até ao céu, onde repousa no seio de Deus que é o seu principio e o seu fim.

E' velha, mas em sua frente não ha uma ruga; os seus membros estão cheios de cicatrizes, mas cicatrizes que attestam os seus triumphos. Accusar a religião de velha seria accusar um velho de ter na cabeça uma corôa de cabellos brancos.

«E' inimiga das sciencias», dizem outros. Não pode ser; pois como pôde a religião ser inimiga das sciencias, se a religião vêm de Deus, e Deus é o sabio por excellencia?

Se o temor de Deus é o principio de toda a sabedoria, que diremos da religião, que é não só temor, mas tambem amor de Deus?! Demais, quem é que falla assim?—São os homens de sciencia, dizem. Serão, não o contesto, e elle é o primeiro a confessar e admirar os triumphos do espirito humano. Quando pensa nos triumphos alcançados pelo homem sobre a natureza, é obrigado a exclamar com Pelletan «le monde marche»; eu sou maior que o raio porque o faço cair a meus pés, sou maior que as distancias porque as venço com a velocidade do pensamento, sou maior que

o vento porque o encadeio, sou maior que os mares porque os faço gemer debaixo de mim, sou maior que o Hymalaia, porque o mando aos ares n'um momento; apenas sou mais pequeno que Deus, porque o meu espirito o não pôde comprehender. Mas, permitti-lhe uma pergunta a todos os sabios da terra—o que é o atomo?—matéria e força.—Que é matéria? Que é força?—Acabou a sciencia. . . Pois já não tenho vergonha de cair de loelhos e dizer: creio em Deus Padre omnipotente, creador do céu e da terra; creio em Jesus Christo, um só seu Filho.

«E' inimiga da liberdade», dizem. Mas, que é liberdade? Um estadista nosso, dotado de muito bom senso, dizia: a liberdade em nossos dias é o direito que teem os que estão por cima, de baterem nos que estão por baixo. N'este sentido, estamos d'accordo. A Igreja é inimiga d'esta liberdade. Mas da liberdade fundada na verdade e na justiça, a religião foi sempre amiga, revoltou-se sempre contra os seus oppressores.

«A religião anda adstricta a uma unica forma de governo». As diversas formas de governo são o que ha de mais indifferente para a religião. Mesmo hoje, já poucos se preoccupam com isto. Já todos se convenceram de que, como diz Lacordaire, seja qual fôr a forma de governo, quem governa é sempre um só ou quando muito dois.

«A religião é inimiga do trabalho, porque perçoitua as praticas religiosas». E o jogo, e o theatro, e as leituras immoraes? Ouvi Victor Hugo: Orar é trabalhar. O homem que ora não está ocioso. Uns braços cruzados obram, umas mãos erguidas praticam uma obra. Muita falta fazem os que oram sempre por aquelles que não oram nunca. Subi aos Aipes, ouvi os monges de S. Bernardo que dizem de suas cellas: «Laudate Dominum omnes gentes; laudate eum omnes populi», respondem os anachoretas da Thebaida: «Laudate eum sol et luna», diz o missionario nos sertões da America; «Laudate eum omnes stellae et lumen». E estas vozes pausadas e solemnes levam atravez das gerações o nome do Senhor. Entrae no lar domestico: «Avé-Maria», diz o principe nos esplendores do seu palacio; «Avé-Maria», diz o mendigo no desconforto da sua choupana; «Avé-Maria», diz o ancião no occaso da sua existencia; «Avé Maria», diz a creança ainda no regaço da mãe. E esta saudação, repercutindo-se de seculo em seculo, diz ao desterrado d'este valle de lagrimas, que ninguem é orphão n'este mundo.

Empenhemo-nos todos para que a fé continue a ser o timbre e o orgulho do povo portuguez. Sem fé não ha patriotismo, sem patriotismo não ha sacrificio, sem sacrificio não ha grandeza nacional. Trabalhemos todos n'esta santa cruzada, para que Portugal continue a ter peso na balança das nações. Os tempos de fé foram sempre os tempos de glorias nacionaes. Nos tempos de maior fé é que se escreveram as paginas mais brilhantes da nossa historia. No Extremo Oriente e nos confins do Occidente, onde ferve o Congo e onde se espraia o Amazonas, ahi se ha-teia ovante o perdão das quinças.

E sua rev.<sup>a</sup> terminou:

Meus senhores: A hora vae adiantada, permitti que resuma tudo quanto poderia dizer em quatro saudações:

Viva Sua Santidade Pio X!

Viva Sua Magestade El-rei!

Viva o Sr. D. Antonio, Bispo do Porto!

Viva o Exercito portuguez que tão alto tem sabido elevar o nome da nossa patria!

E vós, ó Maria concebida sem peccado, rogae por nós, que recorremos a vós!

O illustrado orador foi calorosamente applaudido.

O venerando Prelado encerrou em seguida a sessão.

## SEGUNDO DIA

A's 8 horas da noite deu entrada no salão o venerando Bispo do Porto, que tomou a presidencia, sentando-se ao seu lado os seguintes cavalheiros: Bispo de Meliapor, Bispo eleito de Angra, Conego Coelho da Silva, dr. Francisco Martins, conselheiro dr. Moreira Freire, dr. João Manuel Correia, Commendador Domingos Gonçalves de Sá, Duarte Huet de Bacellar, conde de Fijô, conde de Samodães, Conego Manuel Moreira Aranha, Padre Pinto Abreu, Padre José dos Santos Barroso, dr. José Rodrigues Cosgaya e dr. Antonio de Souza Ribeiro.

Depois de executada uma symphonia da *Aida* pelo sextetto, tendo sido dada a presidencia ao Rev.<sup>mo</sup> Bispo de Meliapor, levantou-se o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr.

### Bispo do Porto

Para se desempenhar do compromisso, recordado hontem, de tomar ainda a palavra n'uma das sessões do congresso, tem a honra de convidar o Ex.<sup>mo</sup> Sr. D. Theotonio Vieira de Castro, Bispo de Meliapor, para assumir a presidencia da assembleia, emquanto elle pronuncia a sua oração.

Disse hontem que tudo evoluciona, e que Deus na sua infinita misericordia reservou para estes ultimos tempos grandes beneficios, trazidos pelo progresso continuo da civilisação. Mas é costume muito antigo, e, particularmente nosso, attendermos ao presente e esquecermos o passado.

Pelo que lhe diz respeito venera e admira o passado, reconhece-lhe as suas grandezas, mas não lhe desconhece as suas misérias. Espera e confia no futuro, porque tem fé na misericordia infinita de Deus, na missão de Jesus e na protecção desvelada de Maria. Porque espera que essa protecção ha de continuar, porque tem a historia a attestar-lhe que, entre todas as nações, nenhuma como a portugueza recebeu tão privilegiados cuidados da Immaculada. Vamos, pois, ás origens tirar uma lição para o presente e confiança para o futuro.

O venerando Prelado começou aqui a traçar em levantada expressão a chronica da caridade atravez dos seculos christãos; e, attentando no desabrochar da ideia christã, faz ver como a grandeza de Roma, submettendo todos os povos conhecidos, ligando os por meio de estradas com a cidade de Roma, foi uma preparação para o advento do Christianismo: por essas estradas partirão os legionarios á conquista do mundo; por ella affluirão a Roma, com os metaes preciosos, com as riquezas, os germens da decadencia; por ellas partirão mais tarde os apóstolos, os evangelisadores, os missionarios da Boa Nova, do Evangelho.

Roma cae; mas os fins da Providencia estavam attingidos: estava aberto o caminho para a diffusão do christianismo.

O Evangelho apparece e ganha logo proselytos. Essa doutrina, que se apresenta em desacordo com toda a civilisação do povo dominador do mundo, essa doutrina que anathematiza, condemna, reage contra os vicios do que então existia de condemnavel nos habitos, na philosophia, na moral do mundo pagão que proclama a equaldade dos homens perante Deus, e a doutrina que fará a grandeza da humanidade no futuro.

Essa doutrina traz, cria uma palavra, que synthetisa todas as suas aspiraço'es: a caridade!

N'essa palavra estava a semente do desenvolvimento do christianismo, estava a semente da doutrina de Jesus; e começou a diffundir-se.

Em terra de Hespanha cedo ella fructificou. Desde os

primordios os evangelisadores lançaram os olhos sobre este torrão uberrimo. Apenas ahi penetrou, consoante a sua natureza, segundo a força immanente que n'essa doutrina reside, começou a produzir os seus fructos. A' Hespanha affluem esses barbaros do septemptrião, os godos, e d'ella expulsam os antigos dominadores.

Mas os godos não estabelecem aqui uma civilisação nova, porque a não tinham, mas acceitam a civilisação dos vencidos, humanisam-se, christianisam-se, abjurando o arianismo, tornam-se justos e justiceiros e formam o imperio wisigothico. Guizot affirma que todas as instituições d'este povo eram moraes e progressivas.

Assim é; mas Guizot podia tel-o dicto mais brevemente, dizendo que foram christãs.

O illustre orador, traçando um breve e vigoroso quadro d'essa epoca do apogeu wisigothico, recorda já entre as obras d'arte, os hymnarios em honra de Maria.

Quando mais tarde, concluida a obra de assimilação do christianismo, os wisigodos viam despontar a aurora da paz, com os fructos da civilisação christã, eis que um novo inimigo bate ás portas de Hespanha; era o islamismo, era o furacão agareno que irrompia das profundezas do deserto, era o simoun devastador que anniquilava toda a vitalidade que encontrava no seu caminho; era a ira, era a colera de Deus castigando delictos passados, era enfim o mundo agareno, perfeitamente organizado, atirado á destruição do mundo christão.

O embate foi terrivel: os dois contendores eram rijissimos, e combatiam não só pelo lar, não pela terra só, mas por alguma cousa que é superior a tudo o mais: pela propria fé. Vencida pelos agarenos a terrivel batalha do Guadalete, o christianismo vê-se assaltado e recua até Covadonga. Ainda hoje nos commove até ás lagrimas essa lenda tão pathetica de um rei que, abatido, emigra, levando como palladio a imagem de Maria Santissima, a rainha dos wisigodos, e vem encontrar em terras portuguezas um refugio, a lenda de Fuas Roupinho, que nos recorda que d'essa tremenda lucta nos veio a consolação de herdar da Hespanha... a Virgem.

Covadonga, esse palmo de terra sagrada, não profanado pelo pé do infiel agareno, bastará para conter esses heroes que reerguerão o estandarte christão na lucta titanica da reconquista.

Não foi sem motivo — diz o illustre orador — que elle traçou este quadro, que póde parecer uma divagação. Não foi.

Em 1139, com effeito, surge para a historia um novo povo, e esse povo, o povo portuguez, adestrado pelas luctas que recordamos, esse povo, terno e devoto servo de Maria, sente o pulso rijo para ganhar palmo a palmo terreno proprio, onde o culto da Virgem andar á sempre alliado ás sus glorias.

O venerando orador passa depois a mostrar como toda a historia da caridade portugueza attesta que a Santissima Virgem foi a inspiradora, a padroeira de todas as obras creadas em soccorro dos desvalidos.

E' nos impossivel alongar mais esta resenha e dar um bastante transumpto das eloquentes palavras do venerando Prelado. N'uma elevação constante, fez passar deante do espirito do auditorio o brotar da caridade logo ao principio da independencia, quando o paiz, talado por incursões e despovoado pelas guerras, offerecia tantos perigos aos viandantes e peregrinos — peregrinos, porque Compostella era então continuamente visitada por peregrinos — n'essa situação angustiosa, acode a piedosa esposa de D. Afonso Henriques, creando as Albergarias da Rainha junto dos seus proprios paços, e outra duas, uma na freguesia de Rossas e outra ainda hoje chamada Albergaria das Cabras. Recorda como então surgem tres especies ou

categorias de instituições similares de soccorro: as que provinham da liberalidade regia, da iniciativa das parochias e das abbas monasticas.

Recorda depois as crusadas, e que a lepra, esse terrivel flagello que de lá importamos, encontrou quem lhe acudisse, se não impedindo-lhe os estragos, ao menos soccorrendo os pobres e desvalidos que o povo repellia barbaemente.

Os nomes de Santa Sancha, de Santa Thereza e D. Miguel Contreiras são inapagaveis nos fastos da caridade.

A's misericordias, essas instituições nacionaes que não eem nada a invejar ás melhores do estrangeiro, referiu-se tambem em termos eloquentissimos.

Finalmente recorda que ainda hoje, dentro dos muros da cidade, são tantas as instituições de caridade, que se ahí fossemos buscar todos os pobres, enfermos e desvalidos que albergam, não haveria praças em que coubessem.

Se essas obras um dia viessem a desaparecer, esta laboriosa cidade tornava-se uma cidade desolada, um cemiterio.

Tal não succederá, porque a Virgem que atravez dos seculos tem vindo inspirando tantas obras, tem ainda aqui fervorosos devotos, continuará a ser aqui alvo de um affectuoso culto, e continuará a cobrir com o seu manto carinhoso a caridade portuense. O venerando Prelado deixou commovido o auditorio, que o saudou com ovações prolongadas e entusiasticas.

#### D. Thomaz de Vilhena

Nas horas vagas leu um livro d'um pensador francez, onde elle expõe o que pensa sobre a decadencia em que se encontra a instrucção publica no seu paiz. Essa decadencia é devida á falta de ideaes. Elle indica á mocidade franceza que appelle ao menos para outro ideal — o da patria.

Elle, orador, pergunta o que é a patria. Essa palavra a todos nos emociona. E porque? Porque nos traz á memoria todas as nossas tradições. A nossa patria é o sanctuario dos nossos melhores affectos.

N'este grande templo da patria portugueza, o culto do ideal religioso tomou uma grande parte. Nós vemos tres templos em Portugal que synthetizam bem a nossa fé. Affonso Henriques foi um crente sincero de Maria e mandou erguer o templo de Santa Maria de Alcobaca.

Não vae enumerar o que foi a dynastia affonsina na sua devoção á Virgem. Mas não póde deixar de lembrar a batalha de Aljubarrota, na qual se póde avaliar o que era a fé dos nossos reis. O nosso D. João I invocava Deus e a Virgem Maria para o triumpho. O povo, pelas ruas de Lisboa, entoava a Salvé Rainha para pedir a victoria.

Hoje vemos que ha entre nós quem se negue a prestar honras e veneração á Virgem da Conceição e a declarar que o seu culto é um insulto. E' extraordinario! Ella, que foi quem inspirou todos os grandes poetas e pintores.

Um insulto o culto á Mãe do Homem Deus, que foi o dador á humanidade da liberdade!

Para mostrar o que devemos á Virgem Maria, lá está o mosteiro da Batalha, que bem mostra a fé d'aquelles tempos.

Temos tambem a epoca dos nossos descobrimentos, que é a confirmação da devoção a Maria entre nós. Os nossos descobrimentos plantaram por toda a parte o nome de Maria e os seus. O sr. Bispo do Porto, no congresso de Braga, mostrou que não ha um pedaco de terreno nosso que não seja consagrado á Virgem Maria.

Um povo que viveu sobre a protecção maternal de Maria, não é para admirar que volvesse os olhos para a Virgem, pedindo-lhe que quebrasse os grilhões que nos manietavam e que quebramos em 1640.

Essa revolução foi obra d'um momento, em que a protecção do céu se evidenciou. E o illustre orador descreve como se realizou essa revolução, uma das paginas mais commoventes e gloriosas do nosso Portugal, embrenhando-se em investigações historicas e piedosas, que interessaram devéras a assembleia.

Em 1646, D. João IV determina que a Virgem seja considerada Padroeira do reino. Isto prova a sua piedade e devoção para com Maria Santissima.

Faleu na batalha do Ameixial, onde o exercito portuguez, antes de entrar em batalha, ouviu missa a Nossa Senhora da Conceição; na de Montes Claros, a sexta batalha da extraordinaria epopeia da regeneração, em que os nossos homens foram buscar forças á religião e á Virgem, confessando-se e commungando antes de entrarem na peleja.

O nosso dever actual é não deixar apagar estas paginas brilhantes da nossa historia com o enfraquecimento da nossa fé.

Sem fé não podemos dar um passo. Mas a fé mantém-se e alimenta-se nos corações com uma propaganda alevantada e sensata. Tivemos uma restauração, que vencemos com a fé. Se nos virmos em eguaes circumstancias, não sabe como, sem a fé, se poderá conseguir nova restauração.

S. ex.<sup>a</sup> foi calorosamente applaudido.

#### Conde de Samodães

O orador, tendo sido saudado por uma prolongada salva de palmas, declina-as para a Virgem Santissima a quem são dirigidas. Recordou com vehementes termos o magistral discurso do venerando Prelado e a calorosa oração do sr. D. Thomaz de Vilhena. Depois d'estes dois oradores sente-se embaraçado; mas o programma ha de cumprir-se e no programma figura uma these de que elle orador, deve desempenhar-se.

Convidado pelo ex.<sup>mo</sup> presidente da commissão promotora dos festejos para tomar parte no Congresso, sente que além d'esse convite tinha elle quasi a obrigação de vir alli erguer a sua voz, n'um congresso solemne em honra da Immaculada Conceição. De feito, sua ex.<sup>a</sup> é talvez o unico ali presente que ainda prestou em Coimbra, no acto da sua formatura, o juramento de defender sempre, até verter o sangue se necessario fôsse, o Dogma da Immaculada Conceição.

Recebeu o orador o encargo de escrever uma memoria sobre o culto da Immaculada na cidade e diocese do Porto, e essa memoria está já impressa e á venda. Parecia, portanto, que devia estar satisfeita a commissão; quiz mais, quiz ainda que elle alli expozesse a theso do culto de Maria na cidade do Porto, *Civitas Virginis*. Aqui estou — disse o orador e entrou na these.

A propria natureza do erudito discurso do sr. conde de Samodães, exclue a possibilidade de o reproduzir, tanta foi a copia de documentos historicos que s. ex.<sup>a</sup> adduziu. Além de que o admiravel entusiasmo do venerando orador acceleva-lhe bastante a recitação.

Resumindo, o orador perguntou: quando começou o culto de Maria aqui?

Impossivel responder entra causa: o culto de Maria brotou espontaneo aqui, como em toda a parte, logo que o Evangelho appareceu.

No Evangelho estão as palavras *Avè-Maria gratia plena*, que são o germen do culto de Maria. Todavia, dei-

xando de parte a questão da vinda de S. Paulo á Hespanha, (Epist. aos Romanos) é certo, que no tempo dos suevos já o culto de Maria estava profundamente arraigado no espirito das nossas populações. Mas como é que elle se espalhou aqui? a quem se deve essa tenacidade e constancia, tal que nunca desfalleceu, e promette sempre maior incremento?

E' intimo convencimento meu — exclama o orador — que tal facto se deve ao zelo e á piedade dos distinctissimos Bispos do Porto, que em todos os seculos teem sido os propulsores do culto de Maria.

Por isso apresentará brevemente alguns d'esses prelados que igualmente se celebrisaram por piedade para com Maria, e por patriotismo.

No tempo dos suevos *Diator* é o primeiro que nos apparece, sem ter todavia ainda o titulo de *Portucalensis* como se vê das actas do concilio de Toledo. Porém nas actas do III concilio toledano já *Constancio*, outro Bispo do Porto, tem o titulo de *portucalense*.

Este prelado tem historia, e é n'ella que se baseia a convicção do orador, de que a intensidade e manutenção do culto de Maria se deve ao zelo dos Prelados do Porto. Surgiu o arianismo, e contra elle as conclusões do concilio de Nicea; os Bispos catholicos, e entre elles o do Porto, mantiveram-se fieis ao credo niceno. Então o rei dos suevos depôz o Bispo *Constancio*, elegendo em seu lugar o heretico *Lecwigildo*. Mas *Constancio*, sabedor da illusão com que fôra trahido, dirigiu-se ao concilio a protestar a sua adhesão ao credo niceno, e a traição de que fôra victima. Só depois da morte de *Constancio* é que o intruso poudo entrar no Porto.

Depois veio o dominio dos arabes, mas esses não vieram cá desthronar bispos só por motivos religiosos, muito menos por motivos do culto de Maria. Na verdade, o Alkorão tem lá o essencial das glorias de Maria, como o Evangelho, e os arabes tinham por sagrado esse livro.

Allude, depois, ao apparecimento do symbolo da cidade do Porto, symbolo que é um documento que resta d'essa piedade dos pertuenses, que grangeou á cidade o glorioso titulo de *Civitas Virginis*. Dizem que os gascões, tendo vindo aqui combater os sarracenos, eram dirigidos por D. Nono, que trazia uma imagem da Virgem, como talisman das victorias. Essa imagem foi collocada no castello que existia onde é hoje o Paço Episcopal. Esses monumentos é pena que vão desapparecendo, lamentando o orador essa perda, elle que ainda alcançou muitos que hoje só conhecemos pelos livros.

Recordou em seguida as figuras gloriosas de diversos Bispos, que, a par de uma piedade reconhecida, se tornaram celebres pelas suas acções heroicas em defeza da patria.

Na aclamação de D. João I, o Bispo do Porto adheriu logo ao eleito do povo portuguez; Ayres da Silva, outro Bispo do Porto, morre nos campos de Alcacer Kibir, precedendo na propria morte o desventurado monarcha que passou á lenda. Succede-lhe Simão de Sá Pereira que tambem vira os campos de batalha em Africa. Recorda um Rodrigo Pinheiro, ao qual Camões dedicou um soneto, e nota a coincidência de ter elle sido natural de Barcellos e Bispo de Angra, e acharem-se ali presentes o venerando Prelado do Porto, natural de Barcellos, e o novo Bispo eleito de Angra, D. José Cardoso Correia Monteiro! Recorda ainda D. Rodrigo da Cunha, D. Diogo e D. Pedro da Costa, da casa de Pancas, familia que tinha n'aquella sala um representante entre os oradores, o sr. D. Thomaz de Vilhena.

Finalmente, ao concluir, recorda com enthusiasmo as festas de Braga, onde viu não um, mas todos os Bispos portuguezes que poderam comparecer, e termina expres-

sando a firme fé que o culto da Virgem n'esta nação, onde nunca a heresia lançou raizes, perseverará ainda e sempre, enquanto á frente da Igreja portugueza estiverem Bispos igualmente dignos, igualmente zelosos, igualmente apóstolos.

O discurso do sr. conde de Samodães foi coroado de vehementes applausos, sendo s. ex.<sup>a</sup> muito felicitado.

Em seguida o sr. D. Antonio encerrou a sessão.

## TERCEIRO DIA

Presidiu o nosso venerando Prelado, vendo-se no estrado de honra os seguintes cavalheiros: Bispo de Meliapor, Bispo eleito de Angra, dr. Souza Gomes, dr. Francisco Martins, dr. Ferreira da Silva, dr. Francisco Nobre, conselheiro Gualberto Povoas, conselheiro Fernando de Souza, D. Thomaz de Vilhena, conselheiro José Cabral, conde de Fijó, conde de Samodães, engenheiro Francisco Manuel d'Azevedo e Menezes, conego Moreira Aranha, conego Manuel Bacellar, commendador José de Azevedo e Menezes, dr. João Manuel Correia, conselheiro Moreira Freire, dr. Fernando Urcullu, commendador Domingos Gonçalves de Sá, Abbade do Bomfim, José de Souza Ribeiro, Mgr. Joaquim Nunes, dr. Antonio José de Souza Ribeiro, dr. José Rodrigues Cosgaya, Lemos Ferreira, etc.

O venerando Bispo do Porto, declarando aberta a sessão, deu a palavra ao sr.

### Bispo de Meliapor

E' recebido com uma prolongada salva de palmas.

Sua Ex.<sup>a</sup> começou por dizer que, como Bispo Missionario de uma Diocese do Oriente, tinha intima consolação em vir falar n'este solemnisimo congresso mariano sobre o dogma e culto de Maria Santissima, sob a invocação da Conceição, na Igreja Oriental. Era a 3.<sup>a</sup> das theses marcadas no programma do congresso.

Havendo-lhe a Virgem Immaculada concedido a graça de lhe dar o berço aqui na cidade da Virgem—*Civitas Virginis*—tendo-o desde então tratado sempre com disvelos de Mãe e concedendo-lhe que recebesse a sua sagração episcopal no dia consagrado á sua gloriosa Assumpção, que tomasse posse da sua Diocese no dia da festa das Suas Mercês, que fizesse n'um sabbado a sua entrada solemne na diocese, e n'um sabbado inaugurasse as suas visitas pastoraes—a consciencia e o coração não lhe perdoariam que, não obstante ter vindo á patria para ter descanso, sobretudo intellectual, recusasse á amorosissima e Immaculada Mãe este tributo do seu amor filial, da sua gratidão infinda!

Sua Ex.<sup>a</sup> entra no assumpto, dizendo que os catholicos espalhados por todo o mundo formam uma só sociedade ou Igreja fundada por Jesus Christo. N'ella distinguem-se muitas igrejas particulares, mas todas unidas pela mesma fé, pelos mesmos sacramentos e sob um mesmo chefe supremo—o Pontifice Romano.

Caracterizam-se pela posição geographica, mas as principaes distinguem-se sobretudo pela diversidade de ritos e costumes, todas, porém, comprehendidas em duas grandes secções:—Igreja Oriental e Igreja Occidental.

Aquella comprehende principalmente o patriarchado do Occidente, que tem sempre andado unido á dignidade do Summo Pontifice; esta comprehende todas as igrejas orientaes: a grega, russa, egypciaca, armenia, etc., onde hoje tambem encontramos, além dos schismaticos gregos e russos, seitas hereticas: nestoriana, jacobita ou heutyhiana,

tambem perfilhadas pelos schismaticos, cophtas, abyssinios e armenios.

Da crença na Conceição Immaculada de Maria na Igreja Occidental irá tratar magistralmente o ex.<sup>mo</sup> sr. dr. Sousa Gomes; na crença da Conceição Immaculada de Maria na Igreja Oriental tratará o orador.

No Oriente floresceram desde o berço da Igreja os Padres e Doutores mais insignes. E' evidente, pois, que tem grande importancia e interesse dogmatico-historico saber o que a Igreja Oriental creu e ensinou sobre a Conceição Immaculada de Maria.

Refere-se ao facto do Patriarcha da Igreja schismatica censurar a Igreja romana de ter introduzido entre as suas innovações o dogma da Immaculada Conceição. E' igualmente historica o facto de na Igreja russa e nas escolas theologicas da Romania se defender as mesmas ideias de opposição a este dogma. Diz que esta attitude aggressiva da Igreja chamada orthodoxa é tanto mais para admirar quanto é certo que não só nos escriptos dos seculos que precederem o schisma, mas tambem nos escriptos do proprio Phocio, primeiro coripeu do schisma grego, se expõe doutrina contendo todos os elementos requeridos para a promulgação do dogma.

E' singular vêr hoje retrogradar o Oriente, quando foi elle o primeiro, e não o Occidente, que deu, por assim dizer, o impulso ao movimento progressivo do dogma que terminou por desabrochar n'uma declaração official do dogma da Immaculada Conceição.

Tudo isto prova que recordar e compulsar hoje os venerandos documentos da Igreja Oriental que dizem respeito ao dogma e culto da Immaculada Conceição é de opportuno valor historico e alcance dogmatico.

Refere-se á evolução do dogma da Immaculada Conceição nas duas Igrejas, detendo-se na parte referente á Igreja Oriental, entrando propriamente na defeza da sua these, que divide em 3 partes: 1.<sup>a</sup> o que diz a antiguidade patristica oriental; 2.<sup>a</sup> o que dizem as lithurgias orientaes; 3.<sup>a</sup> a crença do Oriente depois do schisma grego.

Ao lêr os antigos padres da Igreja nota-se logo que elles viram nitidamente uma dupla relação de contraste entre Eva peccadora e Maria; relação de semelhança entre Eva innocente e Maria. Faz a este respeito citações de S. Justino, Santo Ireneu, Santo Epiphanio, etc. Frisa a semelhança entre a Eva innocente e Maria, tirando á face dos primeiros seculos um argumento importante da sua Immaculada Conceição. Em seguida convida o auditorio a entrar n'um campo assombroso de belleza, a contemplar um quadro encantador, empolgante, sem igual, delineado pelos grandes Doutores e escriptores da Igreja Oriental, quando querem traçar o esboço de Maria Santissima.

Chamam-lhe o paraizo da innocencia, a terra virginal, terra immaculada, sarça ardente que longe de ser queimada augmenta em viço e frescura, vello de Gedeão, torre impugnavel, santa Jerusalem, tabernaculo divino, nuvem toda resplandecente, aurora que surge... O orador espraia-se em citar numerosos titulos que os Padres orientaes consagravam á Virgem, titulos tão repassados de poesia e tão entusiasticamente proclamados por sua ex.<sup>a</sup> que a assembleia rompeu n'uma salva de palmas.

Emfim, continúa o orador, a crença na Virgem Immaculada estava tão radicada no Oriente que o proprio Mahomet no Alcorão, como já hontem o sr. Conde de Samodães recordou, se lê o seguinte de Maria: «Os anjos dizem a Maria: Deus te escolheu entre todas as mulheres do universo e se tornou isempta de toda a mancha». No mesmo livro se conta «que não vêm nenhuma creatura ao mundo que o diabo não toque e não apalpe até a fazer gritar, tendo sómente Maria e seu filho Jesus sido preservados d'este toque do diabo.»

S. Ex.<sup>a</sup> passa depois á segunda parte da sua these, mostrando que as lithurgias orientaes offerecem dous testemunhos em geral:—O que elles nos dizem da Virgem Maria; e outro especial:—a festa e officio da Conceição.

Nas lithurgias orientaes são usuaes as bellas figuras, as comparações sublimes, os epithetos admiraveis consagrados á Virgem. O orador traz a exemplificar numerosos titulos caracteristicos da lithurgia grega e diz que quanto ás outras lithurgias orientaes ha a mesma semelhança. Aos gregos, russos, armenios e cophtas juntam-se os maronitas, syriacos, cujos testemunhos se vê obrigado a omittir. A conclusão geral que resalta de tantas e tão brillhantes testemunhas de todas as lithurgias orientaes é esta ideia: «A Virgem Maria toda e sempre santa.»

As mesmas lithurgias ainda offerecem um testemunho mais frisante do que esses epithetos:—a festa da Immaculada Conceição. Cabe ao Oriente a gloria de começar a celebrar a festa da Conceição de Maria muito antes que no Occidente.

Tem-se publicado importantes trabalhos criticos sobre este assumpto, todos estabelecendo que a festa da Conceição figura nos diversos calendarios mais antigos das igrejas do Oriente. Isto quer dizer que estamos em presença d'um facto de grande importancia para provar a antiguidade d'esta festa e por consequencia d'esta crença. Com effeito as igrejas grega e a sua filial russa estão separadas do tronco catholico ha cerca de 10 seculos; as heresias eutychiana e nestoriana, perfilhadas pelos schismaticos armenios, syriacos e cophtas, datam do 5.<sup>o</sup> e 6.<sup>o</sup> seculos.

Achando-se, pois, entre todos estes esta festa, não pôde ter ella sido recebida posteriormente da Igreja romana, com a qual essas seitas hereticas e schismaticas nada querem.

Em seguida S. Ex.<sup>a</sup> passa a analysar varios rituaes dos primeiros seculos do christianismo, todos tendentes a demonstrar que o glorioso privilegio de Maria Immaculada era crença na Igreja Universal n'esses tempos, crença que por sem duvida tinha vindo dos tempos apostolicos.

N'esta altura o orador desfaz uma objecção que alguem lhe poderia apresentar, dizendo que o objecto d'esta festa entre os orientaes não era no sentido do dogma catholico... era apenas a Conceição miraculosa, era a santificação da Virgem no seio materno. A quem assim argumenta, o orador convida a lêr e a estudar as formosas orações, os canticos, os officios da festa da Conceição e outros antigos livros lithurgicos, e ahí verá a cada instante transpirar a intenção formal de celebrar a santidade indefinida de Maria; a santidade original da sobregloriosa Mãe de Deus entrava nitidamente no objecto da festa da Conceição nas diversas igrejas do Oriente.

Passa depois o orador a desenvolver a terceira parte da sua these:—a crença da Immaculada Conceição no Oriente depois do schisma grego. Sua ex.<sup>a</sup> historia por largo este schisma, concluindo que a Igreja russa é duplamente schmatica: schmatica da Igreja romana, schmatica da Igreja grega. Depois d'esta observação historica, o orador entra na citação de varios testemunhos posteriores ao schisma em favor da Conceição de Maria; frisa principalmente o de um Patriarcha schmatico de Constantinopla, do seculo XIII, Germano II, muito hostil á Igreja Romana.

«Vós sois, diz este patriarcha dirigindo-se á Virgem Maria, vós sois um paraizo plantado pela mão de Deus, desde o dia em que, segundo as leis que vos são proprias, fostes concebida. Deus ordenou aos Cherubins que agitassem em volta de vós as suas espadas flamejantes, e que vos guardassem por todos os lados da serpente seductora.»

A Igreja russa, unida á Igreja grega, fornece nos testemunhos semelhantes até o ultimo seculo, que o Padre Gagarin apresenta, entre os quaes é notavel o testemunho do Arcebispo Lazaro Baranovitchy. Quanto ás outras igrejas orientaes separadas, em vez de adduzir testemunhos, cita um facto historico que póde lêr-se desenvolvidamente na *Civiltá Catolica*, 8.<sup>a</sup> serie de 1876.

Quando o Papa Alexandre VII publicou em 1661 a celebre Constituição *Sollicitando omnium ecclesiarum* em favor da crença na Immaculada Conceição, o superior das Missões da Companhia de Jesus na Asia e na Persia, o Padre José Bessan, emprehendeu justificar solemnemente a doutrina da Immaculada Conceição, tão manifestamente favorecida n'essa data pontifical. Compôz a principio um trabalho onde reuniu cerca de 200 passagens tiradas dos antigos livros liturgicos dos Orientaes, para provar a existencia antiga e constante da crença no glorioso privilegio de Maria, e da festa da Conceição em todas as Igrejas, e entre todos os povos do Oriente. Depois fez convocar na cidade de Alep os principaes personagens interessados na questão, em particular 3 Patriarchas e 1 Arcebispo schismaticos. A reunião realisou-se na presença do consul francez. Depois de um estudo sério das provas invocadas, os 3 Patriarchas e o Arcebispo subscreveram por escripto as conclusões do missionario, e reconheceram o seguinte: «que Nossa Senhora Santa Maria, a Virgem purissima, foi sempre livre e isempta do peccado original, como explicaram tantos antigos Padres, doutores da Igreja oriental.»

Nos nossos tempos, quando na Encyclica de 2 de fevereiro de 1849 o grande Pio IX consultou todos os Bispos do mundo sobre a crença da Conceição de Maria nos seus respectivos paizes, vieram tambem respostas do Oriente. Cita 3 apenas: Mgr. Ranoun, Arcebispo Primaz das Igrejas Unidas de Constantinopla respondia a 25 de julho do mesmo anno: «Convoquei os meus padres, submetti a questão a um novo exame. Resultou de seus testemunhos canonicos, que nunca se levantou a menor duvida sobre a Immaculada Conceição de Maria e que a opinião contraria a este privilegio fez sempre horror na nossa Igreja.»

O Patriarcha da Babilonia respondia a 10 de julho de 1850: «Declaramos que a vossa crença e a de nossos irmãos metropolitanos, dos religiosos, dos padres, e de todos os fieis da nação chaldeia a respeito da Immaculada Conceição da Santa Virgem no seio de sua mãe, em nada differe da crença dos catholicos de Roma... Somos muito afeiçoados a esta crença.»

Emfim o Bispo de Nilopolis, Vigario Apostolico na Abyssinia, deu esta resposta: «Entre os christãos da Ethiopia, a quem a mão dos herejes e dos schismaticos cortou ha longos annos o fructo da boa doutrina, achei com grande alegria minha que as seitas são quasi todas unanimes em professar a Immaculada Conceição de Maria e em declarar a Santa Virgem isempta do peccado original.»

Agora, pergunta o orador: se a Igreja do Oriente cria realmente na Conceição Immaculada da Bemaventurada Virgem — como explica o recente protesto vindo de Constantinopla?

O orador conclue dando resposta a esta pergunta.

Os germens d'este novo erro na Igreja schmatica grega, e na sua filial a Igreja da Russia, foram já semeados em 1625, por Metrofano Critopoulo, que depois subiu a Patriarcha da Alexandria, e que, tendo aprendido com mestres protestantes na Inglaterra e Allemanha, podemos bem presumir que elle fallou como echo dos prejuizos proprios do meio, mais do que como testemunha da antiga tradição oriental.

Mas ha mais. Muitos gregos e russos, cegos como ainda hoje estão, pelo seu odio contra Roma, preoccupam-se acima de tudo em recolher objecções contra a doutrina catholica; d'ahi quizeram fazer da pia crença, á qual os Pontífices Romanos ha alguns seculos iam concedendo um favor inequivoco, quizeram fazer d'esta doutrina um novo assumpto de disputa e de discordia. Esses prejuizos e este desprezo para com a Igreja catholica e a falta de instrucção do clero grego e russo não deixam, pois, ouvir a estes a voz veneranda dos seus antigos doutores, não os deixam comprehender a voz das suas proprias liturgias, e fazem-nos esconder todos esses esplendidos e monumentaes thesouros, onde se contém, como o nucleo em seu fructo, o dogma abençoado da Immaculada Conceição da SS. Virgem Maria Mãe de Deus. Mas não o conseguirão, não; esses monumentos não são só d'elles, são patrimonio da Igreja Catholica, são patrimonio de nós todos; hão de illuminar com sua luz fulgorantissima todos os seculos da historia da Igreja; hão de fornecer sempre uma prova brilhante em favor da verdade de que a Igreja Catholica não inventa dogmas mas, só ensina o que Deus revelou; hão de formar em todas as eras do futuro, formosas grinaldas com que milhões de filhos hão de coroar com amor a mais dilectissima das Mães.

O orador termina com as mesmas palavras proferidas ha 15 seculos por um grande santo doutor da Igreja Oriental: «Com toda a alegria do nosso coração, proclamemos bemaventurada esta unica e toda immaculada que nos trouxe a salvação.»

### Conselheiro José Fernando de Souza

A civilização, esse conjuncto de opiniões e costumes que resultam da acção reciproca da industria, da arte, da sciencia, da religião, caracteriza-se pela expansão da faculdade do homem, pela plena manifestação da sua individualidade. Nobre apanagio da sociedade culta não podia a Igreja acceitar a proposição de que tinha de reconciliar-se com a civilização moderna, como se pudesse estar com ella em conflicto no que tem de bom, justo e legitimo.

Para bem caracterisar a civilização importa estudar a natureza e destino do homem.

Collocado este no mundo espirital tem aspirações sem limites que não logra realisar, pois n'esse mundo não encontra cohesão para os problemas da sua origem, do seu destino, da lei moral que o rege, do ideal a que aspira, superior á sua natureza.

*Borné dans sa nature, infini dans ses vœux  
L'homme est un dieu tombé qui se souvient des cieux*

O positivismo pretende debalde supprimir o problema.

O pessimismo condemna a vida que não nos conduz á felicidade, visto a impotencia de o resolver.

O christianismo satisfaz as nossas aspirações pela vocação sobrenatural á união com Deus pela graça redemptora.

Encarnação e Christo, revelação, magisterio da Igreja, graça de sacramentos, milagres authenticando a revelação, constituem a economia do sobrenatural. O destino do homem é, pois, a vida eterna, doutrina d'elevadas consequencias sciaes. A dignidade humana, o termo da perfeição infinita, a egualdade perante Deus, a fraternidade humana, uma moral severa que condemna o mal não só nos actos como nas intenções, a justeza e a caridade presidindo ás relações sociaes, a dignificação do trabalho, a acceitação da dôr, a sã constituição da familia, o respeito da mulher, o culto social, o progresso em todos os ramos de actividade, a dignidade do poder, emanação de Deus

mesmo nas sociedades as mais democraticas e limitado na sua acção pela lei moral, a liberdade de consciencia pela separação do temporal e do espiritual: taes são as características da sociedade christã.

A religião é assim a fonte e o principio da verdadeira civilisação.

A historia das religiões mostra que d'entre as multiplas fórmulas d'essa determinação da vida humana só o christianismo offerece os caracteres da verdadeira religião, abrangendo-os em si por um principio de vida interna em maravilhosa harmonia com os elementos dispersos e deformados nas outras religiões, possuindo caracteres de transcendencia que o tornam inconfundivel.

O exame da historia da civilisação confirma o conceito formado acêrca da benéfica acção do christianismo. N'esse exame importa evitar o erro materialista que, vendo na humanidade o juguete de leis fataes, nas diversas civilisações vê costumes estranhos á livre acção do homem.

Importa ainda evitar o prejuizo dos que á religião verdadeira julgam adstricto o bem sem mescla e o mal absoluto ao erro, sem considerarem que na complexidade dos factores das nossas acções a crença religiosa e a acção divina se conjugam com variadas forças para dar a resultante na acção nem sempre coherente.

O homem não é um theorema que marcha; é um microcosmos em que varias forças se acariciam ou combatem, entre as quaes a liberdade humana e a crença.

A historia da civilisação offerece-nos dois quadros: um antes de Christo ou fóra de Christo; o outro em Christo ou depois de Christo.

O paganismo é caracterizado pelo imperio da força, pela divinisação do Estado que dispõe sem limites dos homens. Em religião a corrupção successiva da ideia de Deus conduz ao polytheismo athropomorphico corrupto e demoralizador.

O trabalho é desprezado, a mulher é um instrumento vil, a escravidão é a base da sociedade. Os divertimentos obscenos ou cruéis constituem o passatempo de uma maioria privilegiada, acima da qual se encontra a personificação do Deus-Estado, de que os Cezares são a ultima representação.

«Cesar, Deus presente, corporal a quem se deve um culto assiduo desde que recebem o titulo de augusto».

A vontade do principe é a lei: assim o proclama o direito romano, como mais tarde Rousseau fazendo da lei uma expressão da vontade geral sem subordinação a qualquer criterio de justiça.

Em volta do imperio a ameaça dos barbaros, grosseiros, sanguinarios, com a mesma concepção da familia e do trabalho, fascinados pelo brilho da civilisação romana, que depressa os corrumpem, quando não é por elles subvertida. Parecia irremediavel a decadencia.

Surge o christianismo, não prégando a revolta social, mas regenerando o individuo, emancipando as consciencias, prégando a egualdade dos homens, a dignidade do trabalho, rehabilitando a mulher, purificando e nobilitando a familia, quebrando os ferros da escravidão, o respeito da virgindade, ensinando a caridade, o respeito do poder, negando-lhe porém a adoração idolátrica.

Afogada no sangue dos martyres, sujeita á discussão dos sophistas, presa de multiplices heresias, a Igreja triumphou, organisa-se, propaga-se, conquista as consciencias e impõe a crença dos Cesares.

O conferente seguiu descrevendo a acção civilisadora da Igreja sobre os barbaros que successivamente invadiram a Europa, as luctas com o Cesarismo pagão, renascente sob apparencias christãs, a constituição das sociedades christãs, o progresso social até nossos dias.

Hoje como ha 18 seculos a lucta é a do neo-paganis-

mo naturalista com o culto do Deus-Estado e a divinisação das paixões contra o christianismo, factor insubstituivel do progresso social, no dizer insuspeito de Taine.

A civilisação hodierna, no que tem de bom e legitimo, é essencialmente christã.

Profundo tem sido na civilisação christã a influencia do culto de Maria, cujo papel fundamental na economia do christianismo descreveu na familia, na sociedade e nas artes.

Na *Magnificat*, n'essa admiravel pagina prophetica do Evangelho, Maria proclama que todas as gerações a chamarão bemaventurada, que os humildes serão exaltados e os pobres cheios de bens, enquanto os orgulhosos são confundidos e os ricos despedidos com as mãos vazias, accentuando assim os traços característicos da civilisação christã.

No drama do Golgotha, Maria estava de pé junto da cruz: tal deve ser a posição do homem civilisado, cheio de confiança no futuro, abraçado á cruz, symbolo augusto da sua crença, que tão justamente se ergue no alto dos monumentos a attestar que é ella o instrumento insubstituivel do progresso social.

O benéfico influxo do culto de Maria nas sociedades impõe a todo o homem civilisado o dever de a saudar com affecto filial, exclamando: *Avé Maria, cheia de graça!*

O illustrado orador foi muito applaudido.

### Dr. Souza Gomes

O erudito lente da nossa Universidade começou por expôr que a Igreja catholica professa que a desobediencia de Adão ao preceito expressamente formulado por Deus, de não comer dos fructos da arvore da sciencia do Bem e do Mal, o fizera decair do primitivo estado de graça em que fôra creado e que d'essa decadencia são herdeiros todos os homens, como directos descendentes seus. Os homens nasceram, pois, manchados pelo peccado original. A restituição dos dons sobrenaturaes, perdidos por motivo do peccado de Adão, só a alcançamos pelos merecimentos de Jesus Christo, Filho de Deus, Deus elle mesmo, que tomou sobre si o fardo das nossas iniquidades e as purgou, morrendo no Calvario. D'esse labeu ninguém é ou foi exceptuado, senão a pessoa de Jesus Christo, impecavel por natureza, e a de sua Mãe, preservada d'essa macula pelos merecimentos de seu Filho Jesus, em attenção á sua futura maternidade.

E' essa a crença catholica, o dogma que a Igreja propõe ao nosso assentimento, e ao qual a razão adere sem a minima difficuldade.

Depois de demonstrar a rasoabilidade e a conveniencia da doutrina da Immaculada Conceição da Virgem Maria, começou o illustre professor a combater os adversarios da Igreja catholica, que costumam alternadamente explorar contra ella dois themas oppostos, cuidando menos da logica do ataque do que do effeito do momento. Estes, ora apontam á execração das gentes a petrea immobildade da Igreja, aferrada aos seus dogmas antiquissimos, teimando em ensinar doutrinas velhas de 20 seculos, em contraste frisante com todos os outros institutos sociaes que ao redor d'ella se apresentam em continua e accelerada evolução; ora a accusam de ter no correr das edades promulgado varias vezes novas leis dogmaticas, impondo á crença dos seus fiéis doutrinas que Jesus Christo não ensinou, que os Apostolos desconhecaram, que as christandades dos primeiros seculos não acceitaram, e estigmatizam-na de falsificadora do deposito da fé que lhe fôra confiado, e que ella adulterou, deixando-a infiltrar de perniciosas novidades.

A proposito da definição dogmatica da Immaculada Conceição é tängido principalmente este bordão de novi-

dade: os adversarios natos da Igreja, protestantes ou velhos catholicos, em amavel convivio com os racionalistas, ergueram-se contra o dogma novo, ao qual negam a menor base escripturaria ou da tradição, e que apresentam como optimo especimen d'esses productos da theologia papista, que a Curia Romana tem logrado, no correr dos seculos, accrescentar subrepticamente aos puros e legitimos dogmas da Igreja primitiva. E até não faltam no concerto os protestos dos gerarchas da Igreja grego-schismatica, que a si mesma se appellida de orthodoxa, e que esquecem que esta doutrina tem sido ensinada interruptamente, e nunca controvertida, nas christandades orientaes, que n'esse ponto se adiantaram ás do occidente e celebraram muito antes de nós a festa da Immaculada Conceição.

A renovação actual dos ataques obriga o illustre orador a vulgarisar a defeza, a qual está — diz — pura e simplesmente na exposição da historia do dogma e culto da Immaculada Conceição. Coube-lhe a elle tratar da historia d'esse dogma e culto na Igreja Occidental.

Entrando no desenvolvimento da sua these, o illustre cathedratico começou por dizer que se não devia esperar que a sua exposição historica mostre a doutrina da Immaculada Conceição expressa, na mais remota antiguidade christã, pelos precisos termos em que foi officialmente promulgada e imposta á crença dos fieis pelo Pontifice Romano. Esse artificio de polemica, principalmente da polemica protestante, usado a cada passo na controversia sobre varios pontos dogmaticos, resulta apenas de se teimar em desconhecer duas coisas, aliás elementares na dogmatica e na apologetica catholicas: 1.º os diversos modos por que uma verdade pôde existir no deposito da revelação; 2.º o legitimo e necessario desenvolvimento da revelação na intelligencia dos fieis que compõem a Igreja.

S. ex.<sup>a</sup> desfez a apostrophe do professor Harnack, da Universidade de Berlim, talvez a figura mais proeminente do moderno protestantismo racionalista, quando da promulgação como dogma da doutrina da Immaculada Conceição de Maria, encerrada n'estas duas perguntas de effeito:—Wenn? Wem? isto é—quando e a quem foi feita a revelação d'esse dogma?

Todos os dogmas, e portanto este, também foram revelados aos apóstolos por Jesus Christo ou pelo Espirito Santo e se contêm no deposito integral da revelação, isto é, na Sagrada Escripura e na Tradição, ou em ambas estas fontes.

E em seguida o illustre orador disserta proficiente sobre o que são verdades contidas implicitamente no deposito da revelação e o que é a crença implicita.

Mostrou depois que não tem razão aquelles que argumentam com a immutabilidade do dogma, adduzindo o conhecido texto de S. Vicente Leriniense: *Il teneamus quod semper; quod ubique, quod ad omnibus creditum est.* Estas palavras significam certamente que aquellas doutrinas que tem por si a universalidade, a antiguidade e o consenso de todos os fieis, são objecto de fé; mas não significam que só as doutrinas que por toda a parte, sempre e por todos foram explicitamente cridas, só essas sejam objecto de fé. E não o significam, não só porque o santo as profere contra herejes que se empenhavam em introduzir na Igreja doutrinas novas, mas porque logo em seguida elle confessa que a Igreja pôde e deve definir aquellas verdades acerca das quaes nasceram controversias, adduzindo varios exemplos de verdades que, depois de serem objecto de calorosas discussões, foram ao fim definidas pela Igreja.

Depois o illustrado orador provou, fazendo larga referencia a escriptos d'este doutor do seculo V, que ninguém melhor do que elle poz em relevo dois caracteres,

apparentemente antinomicos, que coexistem na doutrina christã:—a immutabilidade do dogma e a sua progressiva expansibilidade, e ninguém fixou de forma mais clara o sentido em que pôde falar-se da evolução do dogma.

Comparou depois o que no seculo V ensinava S. Vicente de Lerins com o que escrevia Pio IX no seculo XIX ao definir o dogma da Immaculada Conceição, mostrando que a Igreja não tem innovado n'esta materia. Com o doutor antigo, o moderno Pontifice romano affirma que é condição essencial que no desenvolvimento dos dogmas, estes «conserve a sua plenitude, integridade e propriedade; que cresçam no seu genero, isto é, no mesmo dogma, no mesmo sentido, no mesmo sentimento.»

Entrando na analyse da historia do dogma da Immaculada Conceição, diz que ella nos mostra que, desde os primordios do christianismo até á publicação da Bulla *Ineffabilis Deus*, a doutrina da Immaculada Conceição passou por um triplice estadio, que aliás tem sido percorrido pela explicação d'outros dogmas. No primeiro, antes de toda e qualquer controversia, esta doutrina é admittida e crida por toda a Igreja, que a incluye nos dogmas da Maternidade divina de Maria, da sua santidade eminente e perfectissima pureza. E' uma verdade de revelação implicita, mas certissima, porque se mostra que na santidade perfeita, na pureza absoluta da Mãe de Deus, os Santos Padres e doutores da Igreja, falando como órgãos da tradição e registrando o sentir dos fieis, entendem incluir a ausencia do peccado original. O segundo estadio é o periodo da controversia, em que só se envolveu parte da Igreja latina, e o terceiro e ultimo é o periodo da crença explicita, encerrado pela proclamação solemne d'esta doutrina como dogma da Igreja.

Começou então a descrever lucidamente esses tres estadios.

A litteratura mariana dos primeiros seculos da christandade é mais rica na Igreja grega do que na latina, mas absolutamente orientada em ambas no mesmo sentido. A historia do dogma da Immaculada Conceição na Igreja Oriental desenvolveu-a com inegualavel proficiencia o Sr. Bispo de Meliapor.

Passou depois a demonstrar que no occidente, desde os primeiros seculos da Igreja, se creu na immaculabilidade da Virgem.

Não nos é possivel acompanhar passo a passo o illustre cathedratico na demonstração d'esta verdade, evidenciada com os testemunhos dos doutores da Igreja. Diremos apenas que citou em abono do que affirmava palavras de Santo Hipolito, martyrisado no anno 235 da nossa era; Tertuliano, na Africa, também do terceiro seculo, que fala como S. Justino na Palestina, como Santo Ireneu na Asia Menor e nas Gallias, como Santo Ephrem na Syria, como mais tarde, no quarto seculo, Zenão de Verona e como Santo Agostinho; do Santo Bispo de Hippona em controversia sobre a graça com o heresiarcha Pelagio; de Santo Ambrosio, o egregio Bispo de Milão, contemporaneo de Santo Agostinho; de S. Jeronymo, que morreu em 420; de Sopronio, contemporaneo de S. Jeronymo; do poeta Prudencio; de Fulgencio, Bispo de Ruspe na Africa; de S. Pedro Chrysologo, Bispo de Ravena; de S. Maximo de Turim; de Fausto, abbade do mosteiro de Lerins, mais tarde Bispo de Riez,—todos do seculo quinto; de S. Leão Magno e S. Gregorio Magno (440-590); de Santo Ildelfonso de Toledo (658); do diacono Paulo, nos fins do seculo oitavo.

Ao avorecer do seculo nono, começaram a sentir-se os prenuncios da controversia, porque só a partir da saudação angelica é que, na opinião d'alguns theologos, a Santa Virgem teria sido subtrahida á maldição geral; mas isso só dá em resultado fazer descer á arena campeões

que mais precisaram a doutrina da Igreja, como Paschasio Ratberto, abade de Corbie (865); Bispo de Syracusa (880); Theophanio, Bispo de Tauromina (980); Fulberto, Bispo de Chartres (1028) e S. Pedro Damiano, Cardeal Bispo de Ostia (1072).

Em seguida o illustrado orador passa a tratar do segundo estadio, o da controversia.

Começa a fazer uma dissertação historica sobre a festa da Immaculada Conceição, chegando á instituição d'ella na igreja primacial das Gallias, que originou a grande controversia medieval, começada com uma carta dirigida por S. Bernardo ao capitulo da cathedral lioneza, em que o santo se insurge contra tal solemnidade que qualifica de «estranha ao rito ecclesiastico, sem fundamento racional e sem apoio na tradição antiga.» Refere-se largamente á resposta que á carta deram varios theologos, entre os quaes Pedro Comestor, e á posterior controversia entre um monge cisteriano, Pedro de Cellas, e um monge inglez, Nicolau de Santo Albano.

Mas a carta de S. Bernardo e a polemica subsequente não poz entraves á diffusão da festa, que em breve se estendeu por toda a França. E s. ex.<sup>a</sup> espraia-se em largas referencias a essas festas e aos que defenderam a Immaculada Conceição, pondo em evidencia que o resultado da victoria de Scoto e da conquista das universidades e das grandes ordens religiosas para o partido do privilegio mariano foi uma extraordinaria diffusão e incremento da festa e culto da Virgem sob o vocabulo da Immaculada Conceição, que foi instituida em Portugal, em 1320, por D. Raymundo, Bispo de Coimbra.

Passando ao terceiro estadio, diz que a doutrina da Conceição Immaculada de Maria ganhára tanto terreno durante o seculo decimo quarto, que no concilio de Basilea a questão parece madura para uma definição dogmatica e foi objecto do decreto de 17 de setembro de 1439, no qual se diz que «a doutrina que declara a Virgem Maria santa e immaculada, e a isenta de toda a culpa original ou actual, é uma doutrina piedosa, conforme ao culto da Igreja, á fé catholica, á recta razão e á Sagrada Escripura; que deve ser approvada, defendida e professada por todos os catholicos, não sendo permittido para o futuro prégar ou ensinar o sentir contrario.» Este decreto não teve effeitos juridicos, porque, na occasião em que o concilio votou esta alta homenagem á Virgem, estava em ruptura com Roma, mas teve influencia consideravel nos espiritos.

Allude depois aos concilios provinciaes que sanccionaram o decreto de Basilea.

Veem depois as manifestações dos Romanos Pontifices, todos no sentido de animar a crença dos fieis. Sixto V approva e indulgencia a festa da Immaculada Conceição; Alexandre VI, Innocencio VIII, Urbano VI e outros Pontifices mostram-se defensores d'esta doutrina. Leão X pensa em propôr o assumpto ao quinto concilio ecumenico de Latrão, para ser liquidado por uma definição expressa. Allude á declaração do concilio de Trento, que é quasi uma definição do dogma da Immaculada Conceição. Refere-se a Alexandre VII e á sua Bulla *Sollicitudo omnium ecclesiarum*. O ultimo passo cumpria a Pio IX dal-o com a definição solenne do dogma, em 8 de Dezembro de 1854, com applausos e alegria de toda a christandade, que ainda agora, 50 annos depois, estremece de jubilo ao lembrar-se d'esta consagração solenne da Virgem, carissima ao coração de todos os fieis catholicos que chamam-lhe sua Mãe, esperam d'ella protecção para todos os transe da vida, auxilio em todas as necessidades, amparo em todas as afflicções, o triumpho da fé, a exaltação da Santa Igreja, a victoria contra o neo-paganismo dos nossos dias, e, em summa, o reinado de Christo na terra.

O erudito orador foi calorosamente applaudido.

Em seguida foi dada a palavra ao sr.

## Conde de Samodães

que leu as seguintes

## CONCLUSÕES DO CONGRESSO

O Congresso reunido na cidade do Porto, sob a presidencia de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> o Senhor Bispo da Diocese, D. Antonio José de Souza Barroso, para commemorar o 50.<sup>o</sup> anniversario da definição do dogma da Immaculada Conceição da Virgem, Mãe de Deus, por Sua Santidade o Papa Pio IX, de santa memoria; delibera:

1.<sup>a</sup> Que se dirija a Sua Santidade o Papa Pio X uma respeitosa mensagem, em que se expressem os sentimentos de fé em todos os dogmas da Igreja catholica, e nomeadamente no que fôr definido, sobre a Conceição da Virgem Maria a 8 de dezembro de 1854, de adhesão plena á Santa Sé, e de repulsão a todas as aggressões que seitas desviadas, desde os primeiros seculos da Igreja, lhe tem dirigido, procurando derrubar a religião e subverter a sociedade.

2.<sup>a</sup> Que se envie outra mensagem a Sua Magestade El-Rei, como Chefe da Nação e da Real Casa de Bragança, a qual, ao ascender ao throno, consagrou a corôa á sublime Virgem Maria, significando a fé inabalavel do paiz na religião catholica, e profundo respeito ao Chefe d'ella e rejeição de todas as doutrinas anarchicas, que se procuram diffundir.

3.<sup>a</sup> Que tendo assumido a regencia d'estes reinos, durante a ausencia de El-Rei, Sua Magestade a Rainha, viuva, a Senhora D. Maria Pia, se lhe enderece outra mensagem respeitosa, affirmando os mesmos sentimentos quanto á fé e de acatamento á forma monarchica, por que se rege o Estado.

4.<sup>a</sup> Que tendo de iniciar-se em Roma, no dia 30 d'este mez, o Congresso Mariano universal, se faça uma communicação no mesmo sentido e de adhesão á Ex.<sup>ma</sup> Comissão Cardinalicia, que o dirige, nomeada por Sua Santidade o Papa Leão XIII, de saudosa recordação.

5.<sup>a</sup> Que para perpetuar este fausto anniversario se estabeleça, com caracter permanente, uma instituição de beneficencia para vestir creanças pobres, cuja séde seja na freguezia da Sé e a área da sua acção benefica abranja toda a cidade do Porto.

6.<sup>a</sup> Que essa instituição exerça os seus actos de beneficencia, no dia 8 de dezembro de todos os annos, assistindo os agraciados n'esse dia, ou em outro dentro do oitavario, a uma missa, celebrada pela intenção dos bemfeitores, que collaborarem para esta obra.

7.<sup>a</sup> Confia o Congresso no zelo de todas as pessoas que adheriram ou venham a adherir ao elevado pensamento d'esta solemnnidade, para que contribuam quanto esteja ao seu alcance:

a) para afervorar mais e mais o culto á Santissima Virgem, e especialmente sob a invocação da Sua Immaculada Conceição;

b) para promover a frequencia dos Sacramentos da Santa Igreja catholica;

c) para auxiliar as catecheses, tanto para creanças como para adultos;

d) para congregar esforços com o fim de illustrar

o povo, no que importa á religião e seus fins sociaes, combatendo as negações antigas e modernas, e indicando os seus absurdos e consequências para os individuos, para as familias e para a sociedade.

8.º Espera o Congresso que todos os revs. Parochos d'esta diocese e das outras, e se tanto é preciso exhorta-os para que em commemoração d'este anniversario, promovam nas suas respectivas circumscripções alguns actos de beneficencia em favor dos infelizes, dentro de recursos maiores ou menores, que lhes seja possivel obter, e em harmonia com o intuito que se teve em vista, ao formar na séde da diocese a instituição, a que se referem as conclusões precedentes.

Estas conclusões foram postas á approvação pelo venerando Bispo do Porto, presidente do Congresso, e plenamente approvadas.

Em seguida o sr. conde de Samodães leu a seguinte:

### Mensagem ao Santo Padre

*Santissimo Padre:*

Prostrados aos pés de Vossa Santidade veem os membros do Congresso Mariano, reunido na cidade do Porto para celebrar o quinquagesimo anniversario da definição dogmatica da Conceição da Virgem Santissima Mãe de Deus.

Nesta homenagem, que prestamos, teem os membros do Congresso em mira manifestar a Vossa Santidade a sua inquebrantavel adhesão á Religião catholica, apostolica, romana e por consequencia a Vossa Santidade, Chefe da Igreja fundada pelo Divino Salvador.

N'esta affirmacão de fé vae expli citamente incluída a intenção de acompanhar a Vossa Santidade n'esta solemidade, e todas as suas prescripções, e observar inteiramente os ensinamentos emanados do Supremo Pontificado.

Commemorando esta data faustissima, o Congresso portuense espera horas jubilosas para a Igreja e para Vossa Santidade, triumphando pela verdade contra as aggressões do erro e das tentativas perversas para ameaçar a religião e derruir a sociedade humana.

O Congresso humildemente implora de Vossa Santidade a benção apostolica para todos os seus membros. Porto, 13 de novembro de 1904.

Approvada esta mensagem, o sr. conde de Samodães apresentou, em seu nome, a seguinte proposta:

O Congresso Mariano, reunido *in civitate Virginis*, entusiasticamente agradece e sauda ao seu Venerando Presidente o Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Bispo do Porto, ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Bispo de Meliapor e ao Ex.<sup>mo</sup> e Rev.<sup>mo</sup> Sr. Eleito d'Angra do Heroismo.

Saúda igualmente os Ex.<sup>mos</sup> Srs. doutor Francisco Martins, abade de Lustosa, D. Thomaz de Almeida, dr. Souza Gomes e conselheiro José Fernando de Souza.

Foi approvada, com o additamento de se incluir nos nomes acima indicados o do illustre proponente.

Em seguida o venerando Bispo do Porto declarou que recebeu do Santo Padre o seguinte telegramma:

*Monsenhor de Souza Barroso*, Bispo do Porto — Portugal.

O Santo Padre agradece muito o obsequio, e ao Congresso Mariano ahi reunido concede de todo o coração a benção apostolica.

*Cardeal Merry del Val.*

Depois da leitura do telegramma, S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> deu a benção apostolica, que foi recebida de joelhos.

Depois encerrou-se o Congresso, eram 11 e meia da noite.

### RETROSPECTO DA QUINZENA

Passa no dia de hoje a ephemeride gloriosa da revolução portugueza de 1640. A data do 1.º de dezembro é uma pagina grandiosa da nossa historia Sessenta annos do jugo humilhante de Castella levava um grupo de fidalgos portuguezes ao projecto glorioso da restauração. Effectivamente, após algumas horas de revolta, em que apenas se derramara o sangue d'um traidor, Miguel de Vasconcellos, proclamara-se rei de Portugal, o duque de Bragança, depois D. João IV. Não queremos entrar em detalhes sobre os factos que rodearam este glorioso feito dos portuguezes, só diremos que a uma intervenção divina fôra devido tão pleno exito. De feito, D. João IV, após a sua coroação, considerava Maria Santissima padroeira de Portugal e off-recia-lhe a corôa real.

Nós, que por assim dizer quasi que vivemos das nossas gloriosas tradições antigas, não podiamos deixar passar esta aurea pagina da nossa epopica historia, sem darmos expansão ao nosso entusiasmo patriotico. Salvé! data gloriosa do 1.º de dezembro de 1640!

Traduzimos do nosso presado collega madrileno «La Lectura Dominical» a seguinte noticia, que tem singular interesse:

«O capitulo geral formado pelos abbades de todos os mosteiros de trappistas ou cistercienses reformados elegera Superior geral da Ordem ao Rev.<sup>o</sup> P. Dom Agostinho, prelado da Trappa de Igny e varão esclarecido pelos seus altos dotes de sciencia e virtude. Vem substituir o P. Dom Sebastião Wyart, recentemente fallecido, religioso exemplarissimo a quem a Ordem deve beneficios incalculaveis.

Os trappistas ou cistercienses, reformados da estricta observancia, receberam em 1902, das mãos do insigne Leão XIII, a confirmação de todos os seus privilegios historicos, que ainda que certissimos por tradição ecclesiastica, não constavam por actos irrefragaveis da auctoridade pontificia. Em virtude d'esta confirmação se fundiram os tres ramos dos trappistas em um só, debaixo da auctoridade de um prelado geral com o glorioso titulo de Abade de Cistér, gozando a Ordem de todos os privilegios, graças, indulgencias, prerogativas e indultos concedidos pela Igreja á familia cisterciense, entre os quaes está a faculdade que tem os abbades para conferirem a tonsura e as Ordens menores.

Estes religiosos continuam dedicando a sua vida á oração e ao trabalho manual no maior silencio. Ordinariamente os seus conventos são verdadeiras granjas agricolas situadas em paragens solitarias, que elles com um labor assiduo e intelligente fazem florescer: outras casas têm perfeitamente montadas algumas industrias, cujos productos se distinguem por sua bondade e barateza. O trabalho incessante não livra os cistercienses da obrigação de assistirem ao côro, pois precisamente, irmanando a vida activa com a contemplativa em um meio de grande austeridade e penitencia, é como distribuem as suas horas os cistercienses.

Seu habito é branco, com o escapulario negro cingido por uma correia. Este escapulario é a antiga blusa sem mangas, que usavam os lavradores da Edade Media, e que os monges censervam como uniforme do seu officio.

O novo abade de Cistér, D. Agostinho, contribuiu mui efficaçmente para a conversão do famoso novellista

Huysmans, e figura com o nome de D. Anselmo na celebre novella que este publicou com o titulo de *En route*.

Para completar estas noticias referentes a uma das mais illustres Ordens monasticas, convém saber que a Congregação de que fallamos é uma das seis auctorizadas pelo governo francez, e que, portanto, goza do que se chama torpemente *estado civil*.

E' nos grato hoje fallar d'uma sympathica instituição. A escola, ou antes collegio Apostolico de Guimarães, da qual damos em gravura um grupo de alumnos, tem por fim a educação religiosa e litteraria de meninos destinados á vida de missionarios, especialmente nas nossas possessões ultramarinas.



Grupo de alumnos da Eschola Apostolica de Guimarães

E' satisfazer em parte e em alguma maneira áquellas tão sentidas queixas da Escriptura Sagrada: *Os pequeninos pediram o pão da divina palavra e não havia quem lh'o repartisse*. E est'outra: *A seara, em verdade, é grande, os operarios, porém, são poucos. Rogae, pois, ao Senhor da seara que envie trabalhadores para a sua vinha*.

Para haver quem distribua o pão da palavra divina é preciso que se formem dignos ministros do Senhor, é preciso que se peça a Deus, senhor da vinha, que mande para ella obreiros zelosos.

«A obra das Escolas Apostolicas, dizia Mgr. de Ségur, é uma das mais formosas flores que o jardim da Igreja em nossos tempos apresenta aos olhos de Deus e dos homens.»

Afinal de contas, o general André, ministro da guerra francez, viu-se obrigado a pedir a sua demissão. A accusação energica feita a este ministro de intrrometer a machonaria nas promoções do exercito francez, por um serviço de espionagem e delação aos officiaes catholicos, e demais a mais os «argumentos contundentes» de Syveton, obrigaram o ignobil ministro á sua queda.

Os «argumentos contundentes» de Syveton, como com muita graça lhes chama o *Figaro*, foram os tremendos sopapos que este deputado dera em pleno parlamento ao ministro André.

O *Figaro*, que foi o jornal parisiense que levantou esta

campanha, diz que a posição de Combes é insustentavel depois da queda do seu collega esbofetado.

Parece, pois, que o *mata frades* francez, o negregado Combes, não estará muito tempo no poder, de que tem feito tão infernal uso.

Oxalá assim seja.

#### BIBLIOGRAPHIA

*Culto de Maria Santissima na diocese do Porto. Memoria apresentada no Congresso Mariano celebrado n'esta cidade em novembro de 1904, sob a presidencia de S. Ex.<sup>a</sup> Rev.<sup>ma</sup> -o Snr. Bispo da mesma diocese D. Antonio José de Souza Barroso, pelo Conde de Samodães.*

Recebemos este importante trabalho do nobre Conde de Samodães, apresentado no Congresso Mariano do Porto. A importancia d'esta obra dil-o a competencia elevadissimo do seu illustre auctor e o assumpto precioso de que se occupa. E' um monumento litterario que attestará no futuro a magnitude das festas jubilaes no Porto. Agradecemos penhorados a amabilidade da offerta.

*Collecção Sciencia e Religião. — VI Moralidade da doutrina evolutiva, por Fernando Brunetière, traducção de Gomes dos Santos. — Livraria Povoense Editora. — Povo de Varzim.*

E' mais um opusculo importantissimo d'esta notavel collecção. O seu auctor, um dos maiores espiritos da moderna França catholica, versou o thema com a elevada competencia e erudição, que lhe dão um primacial logar entre os modernos polemistas catholicos.

Recommendo a leitura d'este importantissimo opusculo, crêmos prestar um apreciavel serviço. Agradecemos ao seu arrojado editor, snr. José Pereira de Castro, a sua estimada offerta.

## EXPEDIENTE

Tendo nos sido devolvidos grande numero de saques da ultima cobrança, de assignaturas que fizemos, tencionamos enviar-os de novamente para o correlo no principio do

proximo mez de dezembro. Esperamos do costumado cavalheirismo dos nossos presados assignantes, a prompta satisfação a pagamento da assignatura, a fim de não nos acarretarem novas despezas, ou ainda prejuizos com o seu não pagamento.

# BRINDE

PARA O

## PROXIMO ANNO DE 1905

Temos a declarar aos nossos presados assignantes que o **BRINDE** offerecido no proximo anno de 1905, consta de qualquer dos seguintes livros:

### A IMITAÇÃO DE CHRISTO

Ultima edição, completamente annotada, por Mgr. M. Marinho

### A MÃE SEGUNDO A VONTADE DE DEUS

Do P.<sup>e</sup> BERTHIER

### O LIVRO DE TODOS

DO MESMO AUCTOR

### JESUS VIVO NO PAORE

PELO P.<sup>e</sup> MILLET, S. J.

Os senhores assignantes que quizerem ter direito ao **BRINDE**, teem de enviar a quantia de 1\$000 reis, declarando qual dos livros acima indicados deseja. Fazemos notar ainda, que esta concessao é feita sómente aos que pagarem adiantadamente a sua assignatura até 31 de março proximo.

Depois d'esta epocha perdem direito ao sobredito **BRINDE**.